

Textos de criação

Especial

Vera Lúcia de Oliveira

Seleção de textos e organização
Osvaldo Duarte

A Poesia de Vera Lúcia de Oliveira

Apreciação Crítica

“Ave, Poesia, morituri te salutant”...

Antônio Lázaro de Almeida Prado

Volto, com grande alegria, a tratar da poesia (de alto nível) de Vera Lúcia de Oliveira. E o faço com a mesma emoção que me causaram seus primeiros poemas, ainda inéditos, que ela me deu a honra de ler.

Recordo-me de haver dito a ela que seus poemas iniciais eram prova provada de uma autêntica vocação poética, mas que, se não me equivocava, ganhariam eles, se ela os submetesse a uma reelaboração, que se orientasse por duas vertentes: menor mobilização de versos, e maior potencialização dos efeitos expressivos.

Creio que não me equivoquei, pois percebi, de pronto, que essa era a vocação autêntica da poetisa Vera Lúcia: dar à própria dor a modulação dos cantos, o que os tornaria (aos poemas) dignos daquela “significação de alegria”, de que falou Leopardi no “Elogio degli uccelli”.

Ao ler, agora, *Tempo (de Doer) di Soffrire*, Roma, Antonio Pellicani Editore, 1998, 168p, vejo que o itinerário poético de Vera Lúcia de Oliveira apresenta, progressivamente, alto poder de concentração e de expressividade, qual se poderia esperar de uma jovem eleita para a alegria e para a dolorosa percepção do natural destino de consunção, inscrito no cerne de todos os seres, como o percebera Virgílio no “Sunt lacrimae rerum”.

Mas o êxito expressivo de Vera Lúcia de Oliveira (êxito que se percebe em dupla modulação: em português e em italiano) reside, precisamente, em impor ao impacto (natural) da dor a rigorosa lucidez

(artística) do domínio poético. E é dessa operação, que poderíamos caracterizar como leopardiana, que resultam a beleza, a modulada contenção e o extraordinário vigor dos poemas de Vera Lúcia.

Creio que Vera Lúcia de Oliveira, com uma precocidade que nos da inveja, atingiu, já, aquele nível de dicção poética, que, com humilde autenticidade, Ovídio declara haver conseguido: "tudo quanto ensaiava dizer, resultava em versos". A percepção desse destino de consunção que como um inevitável vento, perpassa por todas as criaturas, Vera Lúcia consegue expressá-la, com rara felicidade e serena lucidez. Essa serena isenção, que impõe à dor um ritmo a um só tempo de pudor e de lucidez expressiva, conseguiu-a Vera Lúcia de Oliveira, sabe Deus a custa de que íntimos tremores. Mas o fato é que essa dor cósmica é, contemporaneamente, verificável e marcada pelo vetor de superação.

Nesse sentido Vera Lúcia se faz fraterna companheira da Poesia de Murilo Mendes, de Salvatore Quasimodo e de Ungaretti. O que é, vale constata-lo, altíssima e digna companhia.

Visitada pelo sopro de poesia (pelo qual se paga um preço, quase direi ascético, de dor contida e ritmada), Vera Lúcia de Oliveira ministra-nos a paradoxal (e leopardiana) "significação de alegria", atingível, somente por aqueles marcados, desde o nascimento, pela insuprimível ânsia de expressar e ultrapassar o estigma das dores e do destino de consunção, inscritos no cerne de tudo quanto foi criado ... "Ave, Poesia, morituri te salutant"...

Biobibliografia Resumida

Vera Lúcia de Oliveira é formada em Letras pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP (1981) e em Línguas e Literaturas Estrangeiras Modernas pela *Università degli Studi di Perugia* (1991). Em 1983 recebeu bolsa de estudo do Ministério do Exterior para especializar-se na Itália, onde atualmente reside. Concluiu o Doutorado em Literatura Brasileira na *Università degli Studi di Palermo*.

É autora de numerosos trabalhos sobre poetas contemporâneos publicados em revistas brasileiras, portuguesas e italianas, como *Letteratura d'America* (Roma), *Revista Internacional de Língua Portuguesa* (Lisboa), *Colóquio-Letras* (Lisboa), *D.O. Leitura* (São Paulo), *Nicolau* (Curitiba), *Revista de Letras da UNESP* (São Paulo), *Poesia Sempre* (Rio de Janeiro), *Insieme* (São Paulo), *Boca Bilingue* (Lisboa), *Annali della Facoltà di Lettere e Filosofia* (Perugia), *Tratti* (Faenza-Itália), *Andes* (Roma), *Cuadernos de Traducción e Interpretación* (Barcelona), *Palaver* (Lecce), *Ricerca Research Recherche* (Lecce), *Palavra* (Lisboa), etc.

Foi premiada em diversos concursos de poesia e contos e participou de antologias no Brasil e no exterior, como *Veia Poética* (São Paulo, 1981), *Água I* (São Paulo, 1981), *Cinque Terre* (La Spezia - Itália, 1988), *David 1958-88* (Marina di Carrara - Itália, 1989), *Collages* (Roma, 1989), *Antologia del Premio Nazionale Sandro Penna* (Perugia - Itália, 1991), *Antologia da Nova Poesia Brasileira*, org. por Olga Savary (Rio de Janeiro, 1992), *Bambini* (Perugia, 1993), *L'odore dei limoni* (Perugia, 1994), e outras. Tem poemas publicados no Brasil, na Argentina, na Itália, na Espanha e em Portugal.

Atualmente ensina “Língua e Literatura Portuguesa” e “História da Cultura Brasileira” na *Università degli Studi di Lecce*. Colabora também com a *Università degli Studi di Bari* e com a *Università degli Stranieri di Perugia*. Acaba de ministrar um curso de Pós-graduação sobre a poesia modernista, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP - Campus de Assis.

Livros publicados:

A porta range no fim do corredor, Scortecci, São Paulo, 1983.

Geografie d'Ombra, Fonèma, Veneza, 1989.

Pedaços/Pezzi, Etruria, Cortona, 1992.

Tempo de doer/Tempo di soffrire, Pellicani Editore, Roma, 1998.

Profano as coisas por amor

- uma antologia -

“Sunt lacrimae rerum”.

Profano as coisas

Profano as coisas por amor
crio rachaduras
invento olhos e palavras
dentro de mim as coisas não sobrevivem
grudam desesperadas no muro
e rudes
no tempo
rabiscam formas
de lucidez

O mar e o brejo

Para Gladys

Não é no mar que deponho as redes
não é âncora
o maciço do mar
o mar não projeta o gesso das urnas
o mar rasga as cicatrizes
 corrói as agulhas

Não conhece demora o mar

Não foi olhando o mar que aprendi a retalhar as
palavras
no silêncio pesado da casa
cavoucando na cidade
as doenças do charco
sonhando cemitérios menores para sofrer a evasão
das coisas
 da seiva

Buracos que as goteiras afundavam
e o chão acalentava como uma coisa que se deve inchar
que deve por destino absorver o brejo

Por isso estou diante do mar como quem tem medo
como quem engole com pressa os remendos
as pedras
os estiletos que o mar no seu movimento corrói

O filho

o filho do teu filho
vai condecorar o peito
de um assassino
ou fuzilar o pai

o filho do teu irmão
vai derrubar florestas
decretar a lei marcial
arrastar a mãe na prisão

os filhos dos filhos
estão decidindo se viverás ou não
para concebê-los

Canção de exílio às avessas

cidade antiga
cansaço pulsa e corta o tempo
presente

chão arado pelas guerras
consumido pelas horas
produz e expande erva daninha na fecundidade
mutilada

caminho outro país
olho outros rostos
sinto outras raivas

apodrecer em outro país
é uma dor que não satisfaz nunca

Misticismo

sou medieval e escura
por isso prefiro a tarde

meu misticismo não se sacia com as imagens de Giotto
diante de todas as portas fico lucidando olhos
às vezes desejo ser cega para penetrar melhor tudo

o que é frágil
quebro dentro de mim
o que é duro afago
aperto contra o peito
alcanço com a raiva que grudo nas horas
sorvendo as indagações que asfixiam

A história

o corpo de um torturado
escava através dos séculos
sua intensidade de dor e morte

mas Deus, para quem não existe a história
como atura o horror
desse instante
onde só o que muda é a boca
que grita?

Diante de Deus

está chovendo
 chovendo

nasceu o mundo
esta manhã
doloroso em seu
inverno
o mundo depois da criação do
castigo
do abandono de Deus
e sua ira de morte
em nosso ventre

somos como Eva depois
do fruto
diante de Deus
esperando a hora de poder gemer

Andorinhas

estou de bem com o mundo até
um tanque de guerra se cansa
da guerra até um pássaro pára
para
repousar

e depois o céu hoje é de um
azul que faz mal aos olhos
agudo que a gente fica ali
barriga pro ar
admirando as andorinhas
que volteiam
matutando no que pensam lá no alto
no que
sabem
se sabem que estou de bem com o mundo
que volteiam lá em cima também para mim

Pedaços

Estou estilhaçada
silêncios saem da boca
mansos
estava desenhando
palavras
perdi o jeito de amanhecer

tenho tantos pedaços
que sou quase infinita

Palavras da Crítica.

Carlos Nejar

"Que descoberta feliz o seu Geografie d'Ombra! Comoveu-me. Sabe doer e transmutar entre gestos e coisas. A palavra é humilde e forte, transborda do cotidiano e pega o leitor com imagens lapidares e simples: 'as folhas que piso / perfuram-me...', 'amanheço todo o dia nua e estreita / como uma rua de comércio' ..."

"*Pedaços/Pezzi* é um alto momento poético, de grande força e fôlego. E quanto reanima, ajuda, consola (a poesia é um antídoto contra a escuridão). Sua poesia tem algo de faca, fio cortando as coisas. Reanimando, alveja. E o gume acende o olhar de quem a contempla. As imagens se completam, se juncam. Relampeiam. O seu antilirismo é a forma mais lúcida e real de tocar a poesia. E não deixa de ser lírica na dureza. É às avessas."

Fábio Lucas

"Geografie d'Ombra foi uma revelação para mim. Versos comedidos, poemas de alta relevância. A autora sabe transformar a vivência das emoções em substância poética. Universaliza o drama da existência por meio de palavras escolhidas, de grande comunicação. "Tardes de aula", por exemplo, que bela composição. Em "O mar e o brejo" temos uma constelação de imagens fortes, movidas por sondagens metafísicas. "Pedaços" testemunham um sentimento de insegurança e fragmentação."

Lêdo Ivo

"Muito obrigado pela sua aparição, que muito me surpreendeu e alegrou. O "geografia de sombra" é também uma geografia da luz e do sol: nela estão ainda presentes o país e a língua que a sua permanência na Itália aspira a seqüestrar (...) É, a sua, uma voz poética partida, ou repartida, ou mesmo dilacerada. Enfim, não é como estrangeira que você me visita com o seu belo livro e sua vibrante confissão."

Moacyr Scliar

"Geografie d'Ombra revelou-me uma grande poeta. De fato, fiquei entusiasmado (arreatado seria o termo melhor) pela força e a beleza de poemas como "Pequeno pintor" ou "Profano as coisas", para citar só dois exemplos (e em português; aliás, Vera é bilingüe, com absoluta proficiência em ambos os idiomas). Espero que tanto o público brasileiro como o italiano tomem logo conhecimento desta obra, para a qual prevejo um grande futuro"

José Paulo Paes

"Li o seu livro com interesse e com prazer. Nele reencontrei a dicção a que já me habituara em *Geografie d'ombra*, só que em mais de um passo aprofundada no seu empenho de perquirição do mundo e enriquecida de novos harmônicos, se cabe a expressão. Alguns poemas me tocaram particularmente pela sua lapidariade de fatura e pelo seu poder de convencimento. Entre eles eu destacaria "O filho", impiedoso na sua justeza; "Pomba da paz", não menos impiedoso; "Experimento falho", fino aproveitamento irônico da parlenda; "Flores de finados", de atmosfera sabiamente construída por lances em *crescendo*; "Negação", tão bem expressivo da aporia de dizer o indizível em que se dilacera o poeta; "Roma", um severo retrato urbano que me sensibilizou porque eu de lá trazia, ainda frescas, impressões semelhantes; o primorosamente ungarrettiano "Poesia". O arrolamento de elenco tão restrito não quer dizer que a ele se tivesse limitado meu interesse. Mas é que os poetas são idiossincráticos por natureza e por força do mesmo ofício. Daí que tendem a apegar-se àquilo que, nos outros, os prolonga como conseqüências a que eles não tinham ainda chegado."

Manoel de Barros

"Parece que todos os poetas muito desencontrados ficam entre a manhã e a noite. Ficam na tarde. É da tarde que a sua poesia mais gosta. Talvez, porque ainda no início, a tarde componha melhor os nossos desencontros: "Sou medieval e escura / por isso prefiro a tarde". Também, na linguagem, a antítese me parece outro recurso que concilia os desencontros: "às vezes desejo ser cega para penetrar melhor tudo". Pensei nisso lendo a sua bela poesia. Quero agradecer seus poemas que já me enriqueceram."

NORMAS PARA PREPARAÇÃO DE ORIGINAIS

1. Informações Gerais

A revista INSTRUMENTO CRÍTICO publica textos originais de Teoria da Literatura, Literatura Comparada, Literaturas de Língua Portuguesa e Lingüística na forma de artigos, resenhas e, ocasionalmente, em forma de ensaio.

Os dados e conceitos emitidos, bem como a exatidão das referências, são de inteira responsabilidade dos autores.

2. Preparação dos originais

Os trabalhos não podem exceder a 20 páginas e devem ser enviados em três cópias acompanhadas de cópia em disquete.

Quanto à estrutura do trabalho, deve-se obedecer à seguinte seqüência: título; autor; filiação científica (em nota de rodapé: instituição a que o autor do texto está filiado, cidade, CEP, estado, país); resumo (com no máximo 180 palavras); unitermos (com até 7 palavras); texto; citação bibliográfica do próprio texto em inglês; *abstract* e *keywords* (versão em inglês do resumo e unitermos); referências bibliográficas e bibliografia. As notas devem ser reduzidas ao mínimo e colocadas ao pé da página e as referências bibliográficas dispostas em ordem alfabética pelo sobrenome do primeiro autor.

Nas citações bibliográficas, o nome do autor citado deve figurar entre parênteses, separado por vírgula da data de publicação, como no exemplo: (Candido, 1992). Se o nome do autor estiver citado no texto, indica-se apenas a data entre parênteses: “Coutinho (1986) observa que...”. Quando for necessário especificar a página da citação, coloca-se, precedido de um “p.”, o número correspondente logo após a data que deve ser distinguida por letra minúscula quando um autor for citado mais de uma vez com obras publicadas no mesmo ano: (Bosi, 1998a) e (Bosi, 1998b).

As colaborações devem ser enviadas para a Coordenação da Revista *Instrumento Crítico* - UNIR, Fundação Universidade Federal de Rondônia - Campus de Vilhena, Av. Marques Henrique, s/nº, CEP 78995-000, Vilhena - RO.

Sobre a Revista

Formato: 14 x 22 cm

Mancha: 11,17 x 17,35 cm

Tipologia: Times 8, 11, 20 e Romam 24 e 36

Papel: Offset 75 g/m² (miolo)

Cartão Super 6 250 g/m² (capa)

Matriz:

Impressão:

Equipe de produção

Projeto Editorial: Edição de Texto e Editoração Eletrônica:

Oswaldo Duarte

Propriedade do título *Instrumento Crítico*:

Oswaldo Copertino Duarte

Projeto Visual:

Alvaro Santos Simões Júnior & Oswaldo Duarte

Fotolito:

Encadernação:

Ângela Maria Liberalino Ferreira – Antônio Lázaro de Almeida Prado – Carlos Nejar
Celso Ferrarezi Jr. – Fábio Lucas – Geralda de Lima Vitor Argenot
José Paulo Paes – Iara Maria Teles – Igor Rossoni – Lêdo Ivo – Manoel de Barros
Márcio Roberto Pereira – Marcos Siscar – Maria Alice Faria – Maria Isabel de Moura
Moacyr Scliar – Osvaldo Duarte – Regina Zilberman – Valdemir Miotello
Vera Lúcia de Oliveira

Instrumento Crítico

Revista de Estudos da Linguagem

Universidade Federal de Rondônia
Câmpus de Vilhena
Rua Marques Henrique, S/Nº CEP 78995-000 - Vilhena - RO